



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARCO PAULO STIGGER**

**(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-128

**Entrevistado:** Marco Paulo Stigger

**Nascimento:** 01/09/1955

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Data da entrevista:** 03/05/2010

**Transcrição:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Conferência Fidelidade:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Fitas:** (01 fita) 128/01-A e 128/01-B

**Total de gravação:** 40 minutos

**Páginas Digitadas:** 21

**Catálogo:** Luciane Silveira Soares

**Registro:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02161/2010/01

**Número de registro da fita:** 02161/2010/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

STIGGER, Marco Paulo. *Marco Stigger (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Início do envolvimento com a Educação Física e com a ESEF; estruturas físicas presentes na sua entrada na Escola (1975); perfil dos professores na época; mudança de concepção da Educação Física pelos professores com o ingresso em outras áreas; período como professor da ESEF; formação acadêmica; envolvimento com o Centro Olímpico: colegas, gestão, direção; Centro Natatório: aulas, programas desenvolvidos; criação do “fundão”; projetos de extensão; opinião sobre o Centro Olímpico; fatos pitorescos.

Porto Alegre, 03 de maio de 2010. Entrevista com o professor Marco Paulo Stigger, a cargo do entrevistador Marco de Carvalho para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Professor, eu começo te perguntando como começou o teu envolvimento com a ESEF<sup>1</sup>? Por que a escolha pela Educação Física?

M.S. – Eu fiz parte de um grupo, de uma geração, que se envolveu com a Educação Física por meio do esporte. Se, naquela época, tu fosses perguntar qual era o vínculo que as pessoas tinham com a educação física, tu ia ver que a maior parte das pessoas estava vinculada ao esporte. Estava cheio de ex-atletas aqui, etc. Eu estou dizendo isso um pouco também porque esses tempos eu ouvi uma palestra que teve aqui na Escola e o cara que trabalha com este assunto levantou isso: no passado, o que era, mais ou menos, na minha geração, quem entrava na Educação Física é porque estava vinculado a algum esporte. Quem está entrando na Educação Física hoje, está muito vinculado ao mundo do “fitness”. Eu entrei, faço parte desta geração. Ou seja, minha vida toda foi vinculada ao esporte. Nunca fui atleta de altíssimo nível, mas fui atleta em níveis menores e também fui muito de vida esportiva na rua, no bairro, “peladeiro”. Lembro que eu tinha uma boa Educação Física escolar, estudei no Colégio Farroupilha a minha vida inteira. Desde o primário, eu peguei dois professores muito bons. Eu diria bons. Se eu fosse fazer uma análise teórica, acadêmica, da prática daqueles professores, eu acho que não conseguiria dizer que eram ruins, não. Por mais que não fossem professores com toda a reflexão que temos hoje, eles eram bem interessantes. Era o professor Delmar<sup>2</sup>, que já morreu, e o “carioca”<sup>3</sup> que foi professor aqui da Escola. Eles eram professores do Colégio Farroupilha no primário naquela época, com seis, setes anos de idade. Eu me lembro que, com sete anos de idade, eu dava salto mortal, trabalhava, fazia exercícios na barra, no cavalo, no plinto, essas coisas todas. Tive toda uma parte de acrobacias que era muito legal. A Educação Física tinha muito disso. Era muita mistura com ginástica.

M.C. – Que período isso?

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Nome sujeito à confirmação

M.S. – Quando eu entrei no colégio, com seis anos de idade, no ano de 1962, uma coisa assim. Quando inaugurou a sede do Colégio Farroupilha aqui de cima nas Três Figueiras<sup>4</sup>. Ele veio da Alberto Bins<sup>5</sup> para cá e, quando inaugurou, eu entrei. Então, tinha um ginásinho que tem até hoje. Lá em baixo tem o ginásio grande agora, mas tem um mini-ginásio que era de ginástica. Era uma coisa interessante porque, tudo que aprendíamos aqui, usávamos de material aqui, tinha lá: “medicine ball”, aros, arcos, essas coisas todas. Então, eu tive uma boa Educação Física escolar. Depois, na sequência, eu me envolvi no colégio para jogar basquete, cheguei até entrar no basquete da SOGIPA<sup>6</sup>. Depois eu cansei, larguei. Fui para o handebol que acabou sendo a minha modalidade esportiva aqui na Escola. Também jogava bola na rua, praticava muito esporte na rua. Joguei no time de futebol da ESEF também quando eu era aluno. Bom, eu ia bem em todos os esportes e isso em virtude da Educação Física, provavelmente.

M.C. – Que ano tu entraste na Escola?

M.S. – Em 1975. Eu me formei no colégio em 1973 e eu entraria na faculdade em 1974, mas eu fiz vestibular para arquitetura na UFRGS<sup>7</sup> e não entrei. Daí fui para o CPOR<sup>8</sup>. No CPOR que eu conheci os caras da Educação Física. Um deles era o Anchieta<sup>9</sup>, o negão Anchieta, que faz ginástica afro e, na época, fazia atletismo. Eu conheci o Anchieta no quartel, ele fazia Educação Física e me estimulou muito, falou para eu vir. Eu fiz para Educação Física e entrei fácil. Eu tinha uma boa formação escolar e entrei. Me formei nos três anos: 1975, 1976 e 1977.

M.C. – E quais eram as estruturas físicas da Escola nesse período que tu entraste?

M.S. – Agora, olhando aqui o que tu conhece: tinha o ginásio de esportes lá de cima, estava iniciando o LAPEX<sup>10</sup> lá onde é a salinha do Mário Brauner<sup>11</sup> hoje. Em cima da

---

<sup>3</sup> Paulo Gilberto de Oliveira, “carioca”.

<sup>4</sup> Bairro de Porto Alegre

<sup>5</sup> Rua do centro de Porto Alegre

<sup>6</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

<sup>7</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>8</sup> Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

<sup>9</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>10</sup> Laboratório de Pesquisa do Exercício

salinha do Mário, naquela salinha de aula que tem ali, funcionava o espaço do laboratório. Aquilo que hoje, que agora a pouco tempo botaram essa sala de rítmica ali, era a aula de judô. Quando eu digo sala do Mário, é sala de basquete lá no fundo do ginásio. Em cima dessas primeiras salas onde era o CEME<sup>12</sup>, que a Silvana<sup>13</sup> estava ali antes, aqueles dois andares, no andar de baixo era o bar e no andar de cima era o diretório acadêmico. Entrávamos no ginásio, dois passos para dentro do ginásio, tinha uma porta a esquerda, tu entravas ali e tinha o bar, tu subias uma escadinha e lá em cima era o diretório acadêmico. Então, o ginásio era isso. Aquela sala de administração já existia, mas todo o andar de cima que tem a Pós-Graduação eram salas de aulas. A sala de rítmica de cá, a mais perto da piscina, era a sala de rítmica, ela existia. Quando tu entravas pelas outras salas, tu entravas e tinha um corredor com várias salas de cada lado. Aquela parte de baixo das salas de aula não existia, a biblioteca não existia, a biblioteca era lá em cima, era uma coisa ridícula, bem pequenininha. A piscina, o Centro Natatório, não existia. A piscina era na frente de onde hoje é o D.A.<sup>14</sup>, uma piscina aberta de 12 x 8 metros, o famoso tanque.

M.C. – Como eram essas aulas no tanque?

M.S. – A pessoa que mais me marcou aqui dentro como professor foi o “peixinho”<sup>15</sup>. Então, as aulas eram muito voltadas para a execução, tu tinhas que ser capaz de executar. Eu me lembro muito pouco de uma formação pedagógica do “peixinho”. Eu me lembro de ter que aprender a nadar na marra. Eu não tinha dificuldade, eu sabia nadar, mas tinha gente que aprendia na marra, aprendia a nadar com o “peixinho”. Aqui em baixo onde são as salas de aula, tinha uma mini-pista de atletismo e um campinho de futebol, estilo sete. E, nessa área aqui onde hoje é o LAPEX, tinha umas quadras externas de futsal. Eu fui monitor de futsal e de handebol. Então, eu cumpria o horário dando umas horas de handebol para a Graduação e umas horas de futsal para a Educação Física, a prática desportiva obrigatória. A Educação Física do ensino superior era a prática obrigatória para os alunos dos outros cursos. As quadras eram aqui, externas. Eu dava aula à noite. Ali onde

---

<sup>11</sup> Mário Roberto Generosi Brauner

<sup>12</sup> Centro de Memória do Esporte

<sup>13</sup> Silvana Vilodre Goellner

<sup>14</sup> Diretório Acadêmico

<sup>15</sup> Jayme Werner dos Reis, “peixinho”.

hoje é a sala de musculação, tinha uma casinha de madeira que era o Centro Olímpico<sup>16</sup> que era o setor na Universidade responsável por esta Educação Física obrigatória para os universitários. O “peixinho” era o diretor do Centro Olímpico e a piscina não existia, estava em obras. Uma obra que já estava parada. Quando eu entrei, era uma obra que estava parada. A pista de atletismo estava zerada, novinha. Ela tinha dois ou três anos de existência, muito legal. Campo de futebol não existia, nenhum. Nem aquele que está lá, nem o de dentro da pista de atletismo. A Escola era isso.

M.C. – Tu falaste do “peixinho”, do perfil mais de cobrar, de tu saber fazer. Tu vias isso nos outros professores também na época?

M.S. – Na ginástica olímpica, tinha o Saul<sup>17</sup>. Eu adorava ginástica olímpica, adorava fazer e tive a experiência do colégio. Tu aprendias a fazer na marra. Então, tinha que fazer. No judô era o Bugre<sup>18</sup>, tinha que fazer. As aulas de judô eram para matar. O cara saía da aula de natação e depois ia para a aula de judô e estava acabado. Era muito duro, era aprender a fazer. Basicamente, todo mundo era aprender a fazer. Era uma pedagogia de: tu sabes fazer, tu vai saber ensinar. Uma coisa do gênero assim. Não me lembro de debate pedagógico naquela época. Não existia o debate pedagógico. Era aprender a fazer. O bom cara era o bom executante. Então, os nadadores tiravam “A”, os ginastas tiravam “A”. Até em relação ao Saul era diferente. Ele valorizava quem aprendia durante. Mas os outros sim. Vôlei era o Iran<sup>19</sup>. Os atletas tiravam “A”, os que jogavam direitinho tiravam “B” e os ruins tiravam “C”. As provas eram prática e regras, prática e regras. Tinha que saber executar e saber as regras do jogo. Praticamente, isso. Não me lembro de ninguém com algum debate pedagógico naquela época.

M.C. – Quem era o teu professor de atletismo?

M.S. – Era o Cassel<sup>20</sup>. Era um bom professor, mas era isso: ensinava a executar. Todo mundo adorava as aulas do Cassel, eram muito legais. Mas, basicamente, eram aulas

---

<sup>16</sup> Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS

<sup>17</sup> Nelson Rubens Saul

<sup>18</sup> Bugre Ubirajara Marimon de Lucena

<sup>19</sup> Iran Newton Aguiar

<sup>20</sup> Mário César Cassel

práticas e o que se exigia numa disciplina como o atletismo era: qual o recorde atual disso, qual o recorde atual daquilo. Tinha, claro, os processos pedagógicos, aqueles métodos analítico, sintético, analítico. Tinha um livro famoso do Daiuto<sup>21</sup> que, é um cara do basquete, que toda formação dele foi para o método sintético, analítico. Era muito usado este tipo de coisa. Se exigia muito isso, o cara saber executar e a pedagogia dos exercícios em segmentos, do simples para o complexo, essas coisas muito básicas. O debate: o que é atletismo enquanto fenômeno social, o que é basquete, futebol, ginástica olímpica, isso que, às vezes, acontece na minha disciplina, - hoje na aula estávamos falando nisso, debatendo isso. A exigência que se faz para uma criança na ginástica olímpica. Onde está a infância? - esse debate, muito pouco acontecia ou não acontecia.

M.C. – Essa visão que os professores tinham da Educação Física, das práticas, refletiu depois em vocês, na prática posterior à Escola?

M.S. – Com certeza. Se eu falar com meus colegas contemporâneos, o debate, tu consegue tirar muito pouca reflexão. Quem é que sai disso? Quando que fui sair disso? Eu tinha umas curiosidades, vamos dizer assim. Eu tentava estabelecer uma relação da Educação Física com a questão da educação, mas eu me sentia muito frágil. Até tentei entrar no mestrado na educação, mas não entrei. Fiz uma tentativa só. Daí eu entrei no mestrado na Gama Filho<sup>22</sup> no Rio de Janeiro em administração esportiva. Por que eu fui para administração esportiva? Porque eu era um funcionário da Escola, tinha um cargo de técnico administrativo. Organizava os jogos acadêmicos, participava de atividades do Centro Olímpico – estou dando um pulo enorme agora. Depois podemos voltar -. Então, no mestrado, é que eu fui discutir teoria do Marx<sup>23</sup> e outros autores da sociologia porque eu nunca imaginava, eu fui me dar conta com trinta anos de idade que a administração tinha toda uma questão sociológica por trás. Fui aprender isso lá e me interessei por isso. Eu acho que, se eu pegar colegas meus que não tiveram oportunidade para mestrado, o debate acadêmico mais contextualizado, é difícil. O Molina<sup>24</sup> é mais antigo do que eu. Ele foi para a educação para ter este debate. Tu vai pegar os outros professores aqui da Escola da nossa

---

<sup>21</sup> Moacyr Daiuto

<sup>22</sup> Universidade Gama Filho

<sup>23</sup> Karl Marx

<sup>24</sup> Vicente Molina Neto



geração... O Adroaldo<sup>25</sup> é um cara que foi para a educação para ter este debate. Ele andava com o livro do Marx de baixo do braço aqui na Escola, por incrível que pareça. Foi uma geração da década de 1970.

M.C. – Era aquele período marcado pelo esporte de alto rendimento, não é? Esporte como educação. E o mercado de trabalho, quando tu te formavas, estava bem definido para onde tu ias quando te formasse? Era basicamente escolas?

M.S. – Era escola. Eu fui para a escola direto. Eu arrumei emprego lá em Charqueadas em uma escola pública, uma escola do estado. Naquela época, ser professor do Estado valia a pena. Eu trabalhei de março a novembro como professor do Estado sem receber e, em novembro, eu recebi uma bolada que, com essa bolada, eu paguei 60% em um Fusca com dois anos de uso. Vê se pode. Com o salário de hoje, não dá para comprar um carrinho. Então, era assim, escola, clube. Academia não existia, não era o mundo das academias. O mercado era isso: escola...

M.C. – O mercado voltado para o esporte ainda, de certa forma?

M.S. – Não. Na escola não. Mas, claro, quando eu fui para a escola, eu fui trabalhar com esporte. O que eu sabia trabalhar era esporte. Então, eu fui para a escola e trabalhei com esporte: atletismo, handebol. Eu entrei lá em Charqueadas, eu fui estagiário do Farroupilha quando eu fiz ESEF e, quando eu me formei, eu fui dar aula de vôlei no Farroupilha, esporte.

M.C. – E quando tu entras na ESEF enquanto professor?

M.S. – Bom, deu um pulo enorme. Quando eu saí da ESEF, logo que eu me formei, um ano e meio depois, um ano depois, me convidaram para ir para Porto Velho, em Rondônia, morar lá e trabalhar com handebol que era modalidade que eu gostava. Eu passei cinco anos em Rondônia sendo professor de escolinha de handebol e técnico de seleções estudantis de handebol. Então, fui para jogos universitários, jogos escolares brasileiros, os JEB's, e também peguei seleções adultas lá. Claro, tu chegas numa terra de cego como

---

<sup>25</sup> Adroaldo Cezar Araújo Gaya.

aquela e tu pegas tudo. Depois de cinco anos, eu voltei, pedi transferência para cá, até porque era um emprego federal. Lá era Ministério do Interior. Eu vim para cá e, quando cheguei aqui, entrei como técnico, que era meu cargo: técnico em assuntos educacionais. Há vários aqui na Escola, eu acho, com esse cargo. De cara me botaram na piscina que era o Centro Olímpico, que passou a ser lá, a piscina já estava funcionando, isso lá no prédio do Centro Olímpico e eu fiquei com a tarefa de organizar os jogos acadêmicos, jogos universitários de toda a Universidade.

M.C. – Isso enquanto técnico em?

M.S. – Em assuntos educacionais. Depois eu pedi uma mudança para técnico desportivo que é um outro cargo. Eu mudei só de cargo, não muda nada de salário. Daí eu fiquei como técnico desportivo e fazia os jogos acadêmicos da UFRGS. Teve um ano que teve mil, duzentos e tantos participantes, muito legal. Tinha várias equipes de arbitragem da ESEF. Por exemplo, tu eras o coordenador da equipe de vôlei, então, tu tinhas a tua equipe de sete ou oito pessoas. Era muito bacana. Fizemos todas as modalidades. Fizemos “cross-country” aqui dentro da ESEF...

M.C. – Isso vinculado ao Centro Olímpico?

M.S. – Sim. E, ao mesmo tempo, eu dava aula de natação, trabalhava com iniciação para bebês. Eu não gostava muito de bebês, mas de cinco, seis anos de idade eu gostava e pessoas de idade mais avançada. Faltava professor de handebol e eles me deram umas aulas de handebol. Houve concurso para handebol, eu fiz e entrei. Em 1993, eu entrei como docente. Quer dizer, desde 1992 como docente de handebol. Eu pedi troca de cargo quando eu passei no concurso. Larguei um cargo e peguei o outro.

M.C. – Tua formação acadêmica passa pela Graduação da Escola, pelo mestrado...

M.S. – Pela Graduação da Escola; eu fiz um curso de especialização em metodologia do ensino superior lá em Rondônia quando eu dava aula lá, na Universidade do Pará, tinha um núcleo em Rondônia; fiz um curso de treinamento esportivo aqui na ESEF, de especialização; fiz um curso de especialização em natação aqui na ESEF porque eu dava

aula na piscina, então, estava articulado com isso. Eu trabalhava numa escolinha de natação; depois eu fiz mestrado em administração esportiva e fui estudar o orçamento participativo; depois fiz doutorado já no olhar da Antropologia, em Portugal, na Universidade do Porto.

M.C. – Tu comentaste que foi para Rondônia e tu voltou, pediu transferência para cá e tu te engajaste no Centro Olímpico. Quem era o diretor na época?

M.S. – Arno Black.

M.C. – Te lembra em que ano era isso?

M.S. – Acho que em 1985. Eu fui para Rondônia em 1980 e fiquei, acho, que até 1984. 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, cinco anos. Em 1984, eu voltei para cá.

M.C. – Então, tu foste designado como técnico em assuntos educacionais ao fazer essas atividades, os jogos acadêmicos...

M.S. – Isso. No Centro Olímpico. Tinha um cargo de técnico no Centro Olímpico e o diretor era o Arno Black.

M.C. – Tu te lembras quem trabalhava junto contigo, os colegas?

M.S. – Um era o Ronei<sup>26</sup> que tinha o mesmo cargo que eu, que está aqui hoje, outra era a Lizette<sup>27</sup>, uma técnica que já se aposentou, trabalhava com natação. Tu estás falando mais desse pessoal da Educação Física? Só. O Arno, eu, o Ronei e a Lizette.

M.C. – Teve muita discussão do Centro Olímpico, da Escola, que o Centro Olímpico tinha uma verba própria que vinha da Reitoria. Além dessa verba da Reitoria, ele tinha uma outra verba dos programas que fazia...

---

<sup>26</sup> Ronei Silveira Pinto

<sup>27</sup> Lizette Dias de Castro Miguens

M.S. – A discussão que tu estás perguntando, eu vou te explicar qual era porque, inclusive, eu participei dela e tive uns pegadas com o “peixinho” na época, antes, quando eu era aluno inclusive: quando eu era aluno, eu militava no diretório acadêmico, mas não era essa militância política de hoje. Era uma militância ingênua, eu digo assim, mas também estávamos engajados nas questões da Escola. Havia uma briga na Escola que era a seguinte: aqui a Escola de Educação Física e aqui do lado, naquela casinha de madeira que eu te falei, era o Centro Olímpico. O Centro Olímpico era o responsável pela Educação Física dos universitários, era um órgão da PRUNI<sup>28</sup> e ela tinha uma briga com os alunos. Então, a Educação Física para os alunos não era feita pela Escola de Educação Física, mas sim pela PRUNI e o vínculo era o Centro Olímpico e o “peixinho” era o diretor. O Centro Olímpico tinha muito mais dinheiro, mais recurso, era o detentor, eu acho, que da pista, digamos assim. A pista não era da ESEF, era da Universidade. Então, tinha algumas coisas aqui na Escola que o Centro Olímpico tinha recurso e a Escola não tinha. O diretor da Escola que, era o Milthon Cunha<sup>29</sup>, não se dava bem com o “peixinho” e vinham brigas e não sei o que mais e, em alguns momentos, houve situações onde os alunos... Eu nem sei se eu estava com a razão, para te falar a verdade. Mas eu acho que a razão fundamental era que eu estava interessado nas coisas da Escola e que eu ouvia falar que o Centro Olímpico era quem tinha todas as condições e era muito difícil de conseguir dinheiro do Centro Olímpico para a manutenção das coisas da Escola quando tudo, na realidade, funcionava aqui dentro. Então, tu ouvias coisas do tipo assim: “Quem é que corta a grama, o Centro Olímpico ou a Escola?”, “o Centro Olímpico não quer cortar”, “mas os alunos estão tudo aqui”. “Quem é que cuida das quadras?”, “os alunos da Universidade usam as quadras e é só a Escola que sustenta”. Então, essas brigas, e isso levou, depois de um bom tempo, ao Centro Olímpico não ser mais um órgão independente, ligado à PRUNI, mas sim, transformado em órgão auxiliar ligado a ESEF. Hoje, o Centro Olímpico é um órgão auxiliar ligado a ESEF, subordinado à ESEF. Ele não era. Esse era o objetivo de acabar com essa distância entre dois órgãos no mesmo lugar, um primo rico e um primo pobre, uma coisa mais ou menos assim.

M.C. – Seria, basicamente, um órgão ligado à Reitoria que não tinha nada a ver com a ESEF, mas que, de certa forma, administrava a ESEF?

---

<sup>28</sup> Pró-Reitoria da Comunidade Universitária

<sup>29</sup> Milthon José Cunha

M.S. – Administrava algumas coisas da ESEF. Não a ESEF, mas...

M.C. – O espaço físico, as instalações...

M.S. – O espaço. Por exemplo, eu me lembro muito bem que no Centro Olímpico havia umas pessoas que tinham os seus bolsistas. Um amigo meu era o cara que estava lapidando as barreiras da pista. Então, aquilo eram coisas do Centro Olímpico. Sempre houve certa coisa de posse. Depois, em outros momentos, eu tive divergências com o “peixinho” sobre isso. Eles tinham uma coisa de posse. Eu me lembro uma vez que eu disse para o “peixinho”: “Peixinho, o gramado deste campo está. Claro, ninguém joga, tu não deixas ninguém jogar”. Quer dizer, um campo de futebol que ninguém joga. Claro, é lindo, bonito, maravilhoso de olhar, mas ninguém joga nele. Então, este tipo de coisa assim. E depois a piscina, quando foi inaugurada, era do Centro Olímpico, num primeiro momento. Lá também havia esses problemas: Escola - Centro Olímpico, Centro Olímpico – Escola. Teve até um caso fantástico [riso]: o “peixinho” tinha umas regras que ninguém podia andar lá em cima na parte da piscina de calçado. Parece que era a coisa mais importante do mundo: não podia pisar lá em cima. Se o “peixinho” visse uma pessoa de tênis no andar de cima, era uma coisa absurda. Daí tu chegavas lá dentro, queria falar com ele, ele estava do outro lado e tu não conseguias falar com ele, porque ele não vinha e tu não ias, porque não podia botar o pé lá em cima se não estivesse de chinelo e, às vezes, tu não estás de chinelo, obviamente. Então, o chefe de departamento era o Saul, o professor da ginástica olímpica. Ele chamava o “peixinho” e o “peixinho” não vinha. O “peixinho” não veio e o Saul não teve dúvida: fez uma parada de mão e foi caminhando com as mãos até onde estava o “peixinho” [riso]. Então, essas bobagens assim que aconteciam aqui. Mas era num momento que havia certa lógica de hierarquia, uma coisa muito diferente do que hoje acontece. Um momento político diferente também. As relações entre os professores, relações internas dos professores.

M.C. – Isso o senhor fala na gestão do “peixinho”. E, quando entra o Arno, não há uma aproximação maior da Escola?

M.S. – Havia uma ligação muito forte entre o Arno e o Cassel que era o diretor da Escola. Na realidade, eu vim para cá, transferindo de Rondônia, a pedido do Cassel via Pró-

Reitoria. O Cassel foi à Pró-Reitoria e me solicitou. Foi um fax para Rondônia me convidando para vir para cá, me solicitando. O governo de Rondônia me liberou para cá. Eu vim transferido de Rondônia para a UFRGS a pedido do Cassel, para trabalhar dentro do Centro Olímpico. Eles se davam muito bem. Então, havia uma ligação muito forte entre Centro Olímpico e ESEF naquele período, muito ligado às relações pessoais, eu diria. Mas ali foi que aconteceu o movimento - suponho que tenha sido iniciativa dos dois - de transformar o Centro Olímpico num órgão da ESEF. Uma forma de fortalecer a ESEF. Estava dividido aqui dentro o espaço da ESEF. Um órgão da Reitoria estava apitando aqui dentro e o diretor do Centro Olímpico era um cara da ESEF, vinculado às coisas da ESEF. Ele passou a se interessar que esse Centro Olímpico não fosse mais da Reitoria e fosse da ESEF. No caso do “peixinho” não era assim. O “peixinho” era um professor da ESEF, mas ele não estava fazendo este esforço para trazer para dentro da ESEF. Só que em termo de história eu estou te dizendo isso aqui. São opiniões minhas. Quer dizer, eu não vejo movimentos, documentos escritos para sustentar isso que eu estou chamando de coisas muito mais pessoais. Quer dizer, eu me lembro do “peixinho” tendo divergência com a Escola e me lembro do Arno tendo total convergência com a Escola. Dois diretores diferentes.

M.C. – Falar um pouquinho sobre o Centro Natatório, o prédio em si. Tu te lembra quando começou a ter as primeiras aulas lá, quando o prédio esteve efetivamente pronto para terem aulas lá? Tu não tiveste aula lá na Graduação?

M.S. – Eu não tive, mas, quando eu fiz especialização, isso deve ter sido em 1978... Em 1978 ou 1979, eu fiz especialização em natação que o professor era o “peixinho” e a piscina pequena funcionava.

M.C. – Já era aquecida?

M.S. – Aquecida... Não sei te dizer. Acho que não era.

M.C. – Em 1978?

M.S. – Em 1978, 1979 porque eu fui embora para Rondônia em março de 1980. Então, durante 1978 ou 1979 – teria que ver em qual ano eu fiz a especialização, acho mais provável que tenha sido em 1979 – a piscina pequena já funcionava. Era meio que uma obra assim. Nós subíamos numa coisa meio obra e fazia a aula de natação na piscina pequena e eu acho que não era aquecida. Não me lembro, não sei te dizer muito bem.

M.C. – Mas, em 1977, tu te formaste e não pegou aula...

M.S. – Não. Não tive aula e natação lá.

M.C. – E, a piscina grande, tens uma ideia, mais ou menos, de quando começaram a utilizar ela?

M.S. – Não. Depois eu fui embora para Rondônia e, quando eu voltei, já estava tudo funcionando.

M.C. – Tu te lembra quais os programas que ocorriam dentro do Centro Natatório?

M.S. – Eu posso te falar de 1984 em diante quando eu voltei. Tinha vários. Eu acho que a Lizette coordenava tudo, da natação. Mas, basicamente, era natação.

M.C. – Aquelas salas quem tem na volta, não tinham algum programa? Musculação, alguma coisa?

M.S. – Não. Não tinha nada. Era só natação. Depois o Ronei veio e passou a ter musculação aqui em baixo. Acho que o Ronei trabalhava na Reitoria, não tenho muita certeza. Quando ele veio para cá, quando ele foi contratado ou fez concurso, alguma coisa, ele abriu o projeto de extensão na musculação, esse que ele tem até hoje. Eu nunca coordenei projetos lá. Eu coordenava a atividade dos jogos acadêmicos. E dava aula nos projetos de natação porque tinha especialização em natação e dava aula lá. Não teve mais nada. No meu tempo não. Talvez depois... Teve um momento que eu fui diretor daquilo lá. Acho que foi em 1992 até 1994, ou de 1991 a 1993, fui dois anos diretor lá e já existia o

programa de esgrima de extensão, tinha aula de karatê, mas acho que não como extensão. Que eu me lembre era isso.

M.C. – Tu assumiste a direção do Centro Olímpico na gestão do Petersen<sup>30</sup>?

M.S. – Na primeira gestão do Petersen.

M.C. – Foi indicação da direção?

M.S. – Sim.

M.C. – E ficou até 1993, 1994...

M.S. – Fiquei dois anos só porque eu comecei a [trecho inaudível] aqui dentro e eu estava me armando para ir para o doutorado. Eu estava fazendo cadeiras da antropologia da UFRGS, estava começando a querer estudar e estava uma loucura. Eu chegava ali dentro querendo estudar e não conseguia.

M.C. – Enquanto diretor do Centro Olímpico, tu tentaste mudar aquela rotina que tinha antes...

M.S. – Tentei...

M.C. – O que tu fizeste em cima disso? Mudou de nome, essa ideia?

M.S. – Não. Na realidade o que eu tentei fazer: eu não mudei nada. Eu participei de um movimento que, na realidade, era geral para as pessoas, mas eu acabei escrevendo um documento que tinha a ver não com o Centro Olímpico...

[FINAL DA FITA 128/01-A]

---

<sup>30</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen



M.S. – Quando eu era diretor do Centro Olímpico, assumi na gestão do Ricardo, a grande briga aqui era outra. A briga era: os programas de extensão arrecadavam fortunas, como ainda arrecadam, - mas hoje é um pouco diferente, porque o Molina fez um levantamento e se deu conta que eles arrecadam muito, mas gastam muito. Então, não estão arrecadando grande coisa mesmo – mas, na época, os programas de extensão ganhavam dinheiro e de uma maneira sustentavam a Escola, grande parte da renda da Escola. O dinheiro que vinha do Ministério não era suficiente para bancar toda a Escola. E o diretor da Escola estava sempre – como se diziam na época, a expressão que usavam – de “pires da mão”. Ele vinha para o diretor do Centro Olímpico e dizia: “Olha, preciso de óleo para o trator para cortar a grama”. Então, pedia para o Centro Olímpico e para os coordenadores. O coordenador tinha uma arrecadação própria. Teve uma época, por exemplo, que um – não vou dar nomes e nem detalhes – coordenador do programa mandou seis alunos para fazer o mesmo curso no Rio de Janeiro, com passagem, estadia, etc. E não tinha dinheiro aqui na Escola para professor fazer curso, não tinha dinheiro para nada. Era assim: eu coordeno a natação, todo o dinheiro que entra eu administro. Só que o projeto é da ESEF. E o diretor da ESEF, às vezes, não tinha dinheiro para sustentar a ESEF. Tinha que pedir para os coordenadores. Então, o que houve entre os professores, entre eles eu, o Adroaldo, o Ricardo, o Molina, o Guima<sup>31</sup>: fizemos um movimento de criar um fundo único dos recursos. Eu escrevi o texto: “fundo único de recursos extra-orçamentários”. O que seria recursos extra-orçamentários: os recursos advindos de arrecadação própria, de programas de extensão, de vários lugares, dos cursos de especialização. Então, a ideia era que esse dinheiro todo viesse para o mesmo fundo. O apelido dele era “fundão”. Que esse dinheiro viesse todo para o fundo e que fosse todo administrado por um - eu estava na época no orçamento participativo em Porto Alegre e tinha feito meu mestrado sobre a gestão participativa – então, a proposta era do dinheiro todo cair num fundo e esse fundo não ia ficar também na mão do diretor da Escola. Ia ficar na mão de um conselho de pessoas, dentre elas, os próprios coordenadores dos cursos de extensão, especialização, o que fosse, e que nós íamos gerir este dinheiro a partir de um debate político, digamos assim, coletivo. Conseguimos, depois de muita luta, que esse dinheiro caísse num fundo, só que, a segunda parte da minha proposta, ninguém quis fazer: vamos dividir democraticamente. Daí os gestores que era o diretor, o Ricardo, não conseguiu, não se esforçou muito para criar um grupo para gerir este dinheiro. Poderia até ser o Conselho da Unidade, por exemplo. Mas a minha proposta era que, aqueles caras

---

<sup>31</sup> Antonio Carlos Stringhini Guimarães

que trouxessem o dinheiro para dentro da Escola via seus projetos, teriam que ter voz também. A primeira coisa que se fizesse: era sustentar os programas que os arrecada, pagar os funcionários, pagar bolsista. Bom, e agora, num segundo momento, ver as necessidades da Escola. Então, não faria sentido um programa de natação ter material importado para as aulas e o professor de basquete aqui em baixo estar com bola furada, velha. Estou dando exemplo fictício. Não era bem isso. Todo o movimento que eu fiz, foi fazer parte desta [palavra inaudível]. Eu digo que a minha maior contribuição na época foi isso. Eu tinha ideia de que o Centro Olímpico pudesse se transformar num Centro de Extensão da ESEF. O curso de extensão cairia dentro do Centro Olímpico e ali houvesse uma gestão das coisas de extensão. Era uma ideia que eu tinha. Não sei se ela tem sentido hoje.

M.C. – E o Centro de Apoio ao Ensino e a Extensão, o CAEE?

M.S. – Esse nome não me é estranho. Estou tentando me lembrar dele. Eu acho que era uma proposta de ter um Centro, não me lembro muito bem, que conseguisse trazer crianças da rua para fazer projetos de extensão e que esses projetos de extensão fossem, para os alunos da Escola atuarem, terem experiências pedagógicas ali e vinculasse a extensão com o ensino. Mas só que deu um problema: o professor não pode ter carga horária duplicada no mesmo horário. Eu não posso dizer que segunda-feira das oito às dez da manhã eu tenho extensão e ensino ao mesmo tempo. Isso foi uma das coisas que atrapalhou. Até hoje tem gente que fala disso como uma coisa produtiva. Imagina essa Escola lotada de crianças, vocês estudantes dando aula para trinta crianças de escolinha de vôlei, por exemplo, e os professores avaliando, assinando, debatendo aquelas aulas. Isso é muito legal. Mas tem essa dificuldade da carga horária.

M.C. – Tu comentaste um pouco da extensão. Tu te lembrás, sabes, como surgiu essa extensão, em que período surgiu, como foi o processo dessa extensão como ela é vista hoje? Por que antes os projetos eram destinados à comunidade universitária (professores, técnicos administrativos, filhos). Depois são transformados e ampliados em extensão. Tu te lembrás quando eles são transformados?

M.S. – Eu acho que não. Eu acho que eles sempre foram [palavra inaudível]. Eu não me lembro deles vinculados à comunidade universitária. Eu só me lembro da natação, de 1984

para cá, pessoas fazendo fila para se inscrever aqui, de todos os lugares, não era só comunidade universitária. Pelo que eu me lembre, não era.

M.C. – Tem depoimentos que foi em 1992, por aí, com a Helena<sup>32</sup>. Que ela transforma os projetos em extensão, amplia eles em extensão e distribui entre professores...

M.S. – Não. O que aconteceu, é uma coisa: quando era Centro Olímpico, isso sim – eu tenho dificuldade de talvez localizar isso – o Centro Olímpico fazia programas de natação, não eram extensão. O que é extensão? É uma atividade que o professor pode fazer. Tem todo o processo de fazer projeto de extensão, aprovar, etc. Na época, não. O Centro Olímpico era um órgão auxiliar e fazia seus programas de natação. Não tinha essa característica de extensão como hoje. Se a Helena fez isso, muito provavelmente, não foi porque a Helena quis fazer. É muito provável que tenha sido porque a Universidade começa a exigir que essas atividades extra-graduação, etc, sejam colocadas no âmbito da extensão. Então, todas têm que ficar no mesmo guarda-chuva, vamos dizer assim. Então, eu não acredito que seja uma coisa assim: “Bom, eu, fulano de tal, decidi que os programas, a partir de agora, vão ser extensão”. Eu acho que não. Eu acho que é uma demanda da gestão da Universidade. Porque isso sim. O Centro Olímpico fazia seus programas de natação que não tinham nada a ver com a extensão que temos hoje. Tinha uma piscina, abriam-se vagas, as pessoas vinham e nadavam. Os projetos de extensão como fazemos hoje, passa por aqui e tem que ter um docente. Era uma maneira muito mais, digamos assim, informal sobre o ponto de vista administrativo. Isso que caracteriza a extensão de hoje, eu acho que veio depois, mas eu acho que não tem a ver com Helena. Tem a ver com demandas da própria gestão. Eu tenho convicção disso.

M.C. – E aproveitando este gancho, tu pegaste, eu acho, um período bem de transição na tua volta, que tem até documentos da Universidade que diz da passagem do Centro Olímpico como órgão auxiliar da Escola, por 1988, no final da gestão do Cassel...

M.S. – Sim. Foi por aí. Como eu estava te dizendo, porque eu acho que por um acerto do Cassel junto com o Arno Black mobilizando para que isso acontecesse.

M.C. – E tu vês essa diferença, a partir da passagem de órgão auxiliar para a ESEF? O que acarretou de mudanças?

M.S. – Essas coisas que eu vinha te falando. Antes tinha dois donos isso aqui, dois patrões aqui dentro. Hoje o Centro Olímpico está subordinado à Escola. O diretor do Centro Olímpico é um cargo de confiança do diretor da Escola. Mudou completamente. O dinheiro que o Centro Olímpico arrecadava desta maneira informal que eu estou te dizendo, quem decide sobre isso é a ESEF. Imagina se isso continuasse da maneira que estava. Piscina, PRUNI, arrecadando muito dinheiro e a ESEF funcionando aqui, como esse fundo seria feito? Não seria feito porque são dois órgãos diferentes. Quando o Centro Olímpico passa a ser da Escola e a Helena era uma das coordenadoras e aí eu acho que o “peixinho” era diretor, - do Arno passa para o “peixinho” – o Ricardo era o diretor...

M.C. – Antes era o “carioca” e o De Rose<sup>33</sup> como vice. Depois assume o De Rose e o Alexandre<sup>34</sup> como vice. O “carioca” se aposentou.

M.S. – Isso. E o Ricardo assume quando?

M.C. – Em 1993.

M.S. – Então, sai o Arno e entra o grupo do “carioca”, De Rose, Alexandre e a Helena vai ser diretora do Centro Olímpico...

M.C. – O “peixinho” vai para a Alemanha e a Helena é designada para fazer um “mandato tampão”, como dizem...

M.S. – Isso eu não sei te dizer exatamente. Mas “mandato tampão” do que? Do Centro Olímpico já ESEF?

M.C. – Sim.

---

<sup>32</sup> Helena Alves D’Azevedo

<sup>33</sup> Eduardo Henrique De Rose

M.S. – Não sei se é “mandato tampão” porque, quando eu passo a diretor do Centro Olímpico, quem saiu ali era a Helena.

M.C. – Mas ela não ficou um ano no cargo. Ela estava cumprindo o resto do mandato do “peixinho” porque ele foi para a Alemanha e, como ele foi dar aula na Alemanha, tinha que se desvincular como diretor do Centro Olímpico.

M.S. – Isso eu não sei te dizer.

M.C. – E aproveitando então professor, para finalizar: em 1997 foi feita uma reunião do Conselho da Unidade pela qual teve uma discussão sobre Centro Olímpico: o que ele foi, para que existiu, para que existe hoje e se ainda teria fundamento dele existir. Convidaram, na época, o Arno, a Helena, o Cassel. Qual é a tua opinião referente ao assunto?

M.S. – Eu não estava aqui. Estava em Portugal.

M.C. – Qual a tua opinião sobre o Centro Olímpico, dos dias que passaram até hoje?

M.S. – Não vejo muito sentido. Hoje, o que é o Centro Olímpico? É o Centro Natatório. Ponto! Não faz mais nada. Não tem uma função além de ser o Centro Natatório.

M.C. – No caso, ele administraria o Centro Natatório nos dias atuais?

M.S. – Não. Não precisa. Não existe Centro Olímpico. Digamos assim: de direito existe o Centro Olímpico, um órgão auxiliar. Mas o que é um órgão auxiliar? É um órgão que faz coisas, que tem obrigações e obrigação não pode ser administrar um prédio. Isso não tem cabimento. Então, esse órgão teria que ter obrigações, funções na estrutura, na estratégia [palavra inaudível] e não funções de administração de um prédio. Isso não tem cabimento. Alguém que tenha que ter um envolvimento com uma política institucional. Por exemplo, o LAPEX: ele não é um prédio. Ele é um laboratório, é o prédio. O diretor do LAPEX é quem faz tudo ali funcionar. Ele não tem função além, digamos assim... Ele é o laboratório. O outro é o Centro de que? É um Centro de nada. Ele tem um nome muito bonito, mas não

---

<sup>34</sup> Alexandre Veli Nunes

é Centro de nada. É um lugar onde acontecem atividades. Ele é só um prédio. O LAPEX não. O LAPEX é um prédio, um laboratório onde vários professores atuam, tem o diretor que da conta disto funcionar. Não sei se o laboratório tem alguma demanda sobre intervir na política científica da Escola. Mas eu acho que não. Ele é muito mais do que um prédio. É um prédio com a função precípua de dar condições do professor fazer pesquisa. Aquele prédio não. Se tu dissesse assim: Centro Natatório, e tivesse lá um diretor, bom, então cumpre. Porque tudo que estiver ligado com natação precisa de um prédio grande, senão não precisa. O Centro Olímpico, com esse nome, perde atenção. O que vai ser o Centro Olímpico? Eu tinha uma ideia de que ele fosse um centro de atividades de extensão, mas daí teria que ser “Centro de Extensão”, uma coisa diferente. O Centro Olímpico é um nome fantasia, vamos chamar assim, que tem certo impacto. Eu já ouvi falar aqui na Escola que o nome Centro Olímpico tem certo impacto. O Betão<sup>35</sup> tem um envolvimento com o Centro de Estudos Olímpicos. O Centro Olímpico pode ser um órgão que vai fazer o Centro de Estudos Olímpicos. Bom, mas isso nunca saiu além, passou um pouco pela cabeça das pessoas, ou do papel – não sei se tem um papel sobre isso -. Então, que criasse um prédio aqui e dissesse: “Aqui é o Centro dos Estudos Olímpicos desta instituição”. Como tem o Centro de Memória. O Centro de Memória, enquanto uma instituição aqui dentro, tem um papel mais claro do que o Centro Olímpico. Podemos dizer: um laboratório de pesquisa sobre a memória do campo da Educação Física. Só que ele não existe enquanto órgão da instituição. Ele é apenas um projeto de extensão. Senão me engano, ele está cadastrado como projeto de extensão. Assim como a Revista Movimento. Ela não é um órgão da Escola. Ela é um projeto de extensão que todo ano tenho que renovar, eu, o Molina. Mas, se um dia não tiver ninguém para fazer, a Revista Movimento morre. O Centro Olímpico, digamos assim, é um prédio que não tem tarefa clara.

M.C. – Tem lá o nome “Centro Natatório Frederico Guilherme Gaelzer”.

M.S. – Tudo bem. E quem está lá, quem é o Betinho<sup>36</sup>? Ele é o diretor do Centro Natatório ou do Centro Olímpico? Do Centro Olímpico. Na verdade o que ele é de fato? Ele é diretor do Centro Natatório, ele administra um prédio para ter condições que aquilo funcione. Ponto! De olimpismo, do mundo olímpico? Nada. Então, foi um momento histórico. Não

---

<sup>35</sup> Alberto Reinaldo Reppold Filho

<sup>36</sup> Alberto Ramos Bischoff

podemos fazer críticas ao passado. Temos que tentar olhar para lá com mais calma e não queimando o que os outros fizeram. Mas, se tu fores olhar para trás, vai mexer em tudo isso. Se fosse, por exemplo, um órgão vinculado às atividades de Educação Física dos acadêmicos da UFRGS, também não poderia, porque, quem tem que cuidar da Educação Física lá dentro, são os departamentos. Quem é que tem as disciplinas? O departamento. Naquela época, era o Centro Olímpico que dava conta de uma disciplina, porque era obrigatório para os alunos praticarem futsal, basquete aqui. Então, não tem sentido no meu ponto de vista.

M.C. – Alguma colocação a mais que o senhor queira comentar?

M.S. – Não. Não sei se o que eu disse interessa muito, se faz muito sentido. Bom, são depoimentos e se constrói a história assim. As memórias se recuperam desta maneira. Tu deve ter versões diferentes aí.

M.C. – Uma finalização clássica que, geralmente, nós vemos nos depoimentos. Tu comentaste um já. Tens mais algum fato pitoresco da Escola?

M.S. – Um fato pitoresco... [silêncio]. [riso] Um fato pitoresco que nós vemos, às vezes, é a visão de gestão da época. Eu me lembro de ver vários diretores da Escola – não foi nem um, nem dois - me lembro do Alduino<sup>37</sup>, do próprio Arno que foi vice-diretor da Escola, com o trator cortando a grama da Escola. Então, o cara que era diretor... Eu via o Alduino – o Alduino era o vice-diretor do Milthon, eu acho – como vice-diretor, sem camisa, de calção e com o trator cortando a grama da Escola. O vice-diretor que nós tínhamos no meu tempo ainda quando eu estava no Centro Olímpico, na piscina lá, que era um cara muito legal, boa gente, era o Rangel<sup>38</sup>. Quando dava um problema no motor lá na piscina, tu ligavas, chamava um funcionário, ligava para empresas que prestavam o serviço. Quando eu chegava lá para ver como estavam as coisas, o cara não estava conseguindo trabalhar porque estava o Rangel com a manga arregaçada, cheio de graxa nas mãos acompanhando as coisas da piscina. Hoje o diretor, vice-diretor, se preocupa com a política institucional, acadêmica, com relações com a Reitoria, com o Ministério do Esporte. Naquela época, o

---

<sup>37</sup> Alduino Zílio

<sup>38</sup> Antonio Barbosa Rangel

diretor cortava grama [risos]. O “peixinho” era um entendido nessas coisas de piscina. Não me lembro se ele tratava água, mas, se tu perguntasses como era, ele te ensinava tudo. Hoje, o diretor não quer saber como se trata a água. Então, todos os diretores tinham essa lógica meio assim: “Eu sou o cara que meto a mão”. Claro, como eu disse, são momentos. O De Rose já não fazia mais isso, nem o “carioca”, o Ricardo menos ainda. Mas, naquela geração, “peixinho”, Arno Black, era isso. É muito esquisito dizer isso. Os caras contam uma história interessante – não sei quem conta esta história e nem sei exatamente quem são os personagens – um vice-reitor veio aqui na Escola e queria falar com diretor e o cara estava cortando grama e veio receber o vice-reitor. Isso para ti ver a imagem da Educação Física: os caras que fazem tudo, mas pensam muito pouco. Uma imagem que não está muito longe disso ainda, mas acho que já mudou bastante. Mas é isso. São concepções de Educação Física, de gestão. Nós somos reconhecidos como quem faz muitas coisas de extensão. Os professores aqui da Escola são chamados para bancas da educação: eu, o Alex<sup>39</sup>, a Silvana. O Álvaro<sup>40</sup> vai para a fisiologia, o Jéfferson<sup>41</sup> vai. Todo mundo sai. São outras concepções [o entrevistado fala com uma terceira pessoa]. São momentos históricos, outra coisa. Hoje, nós temos professores... Pró-Reitor de Planejamento, Krue<sup>42</sup> na extensão. Então, sempre teve gente. São concepções. Vão mudando mais a Educação Física para outro status no contexto da Universidade. Acho que nós avançamos muito. Dos professores de Pós-Graduação, dos nossos aqui, poucos não são, de vez enquanto, convidados para bancas em outros mestrados e doutorados aqui na Universidade. A Janice<sup>43</sup> esses dias estava na psicologia, eu fui várias vezes na educação, a Silvana, o Alex, o Molina também. A turma da fisiologia, o Krue, vão para a fisiologia. Então, a nossa relação com a Universidade é outra. É outro mundo que vem se constituindo, pelo menos neste campo científico, acadêmico. Eu acho que isso é uma mudança total. O professor cortava grama, uma aula que meramente ensinava os caras a fazer. Hoje, os meus alunos estavam se queixando das aulas práticas. Que as aulas práticas são muito assim ainda. Minha aula era sobre o fenômeno esportivo, um debate que eu faço com os alunos.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>39</sup> Alex Branco Fraga

<sup>40</sup> Álvaro Reischak de Oliveira

<sup>41</sup> Jéfferson Fagundes Loss

<sup>42</sup> Luiz Fernando Martins Krue

<sup>43</sup> Janice Zarpellon Mazo